

“ANTES DE ALARMAR A POPULAÇÃO, É PRECISO AVALIAR OS RISCOS”

(De Pedro Pentead, coordenador da comissão que investiga a poluição do Alto Ribeira)

Peixes do Alto Ribeira: perigo

CONTAMINAÇÃO POR CHUMBO PODE LEVAR AUTORIDADES A SUSPENDER COMÉRCIO DE PESCADOS DE RIO NO SUL DO ESTADO

Patrícia Ferraz

O consumo de peixes do Rio Ribeira de Iguape, no Alto Ribeira, e de seus afluentes Ribeirão Rocha, Ribeirão Furnas e Ribeirão Betari poderá ser restrito por determinação da Vigilância Sanitária Estadual e da Companhia de Tecnologia e Saneamento Ambiental (Cetesb), caso a contaminação dos peixes por chumbo seja confirmada em análise a ser concluída nos próximos dias.

A contaminação de peixes no Alto Ribeira foi constatada em análise feita entre 1990 e 1991, quando 22% das amostras coletadas foram consideradas impróprias para o consumo humano, de acordo com relatório técnico da Cetesb datado de agosto de 1996 e obtido com exclusividade pelo **Jornal da Tarde**. Estão sendo feitas novas análises, de amostras coletadas em outubro deste ano.

Os sedimentos do Rio Ribeira de Iguape e de seus afluentes Ribeirão Rocha, Ribeirão Furnas e Ribeirão Betari estão contaminados por chumbo em vários pontos, próximos de três empresas mineradoras, a Refinaria Plumbum e a Mineradora Rocha, situadas no Estado do Paraná, e a Companhia Argentifera Furnas (CAF), em São Paulo.

Segundo o relatório da Cetesb, apesar de os empreendimentos estarem desativados, ainda está ocorrendo carreamento de chumbo para o rio e seus afluentes. “Os rejeitos de chumbo não foram adequadamente depositados”, explica Fernando Bettega, do Instituto Ambiental do Paraná.

Nos anos iniciais de atividade, as mineradoras, que operaram por mais de trinta anos, despejavam rejeitos sem tratamento direto no rio, segundo o técnico. Mesmo depois de 1976,

quando a legislação ambiental passou a exigir licenciamento, elas continuaram em funcionamento sem licença definitiva de operação e foram atuadas inúmeras vezes por isso e por despejo irregular de rejeitos.

De acordo com as análises mais recentes, a região do Ribeirão Furnas, onde está situada a CAF, em São Paulo, é a mais contaminada. A CAF está desativada desde 1992.

A contaminação é de conhecimento da Cetesb desde 1981, mas a agência ambiental paulista levou dez anos para fazer análises dos sedimentos do rio, dos peixes e da água em 19 pontos de amostragem. Só agora, passados outros cinco anos, estão sendo feitas análises mais aprofundadas para avaliação de riscos.

Nos últimos 15 anos, a Cetesb sequer aprofundou as análises que possibilitariam a avaliação do risco para a população ribeirinha e o meio ambiente. Informado do problema, o secretário estadual de Meio Ambiente, Fábio Feldmann, criou, este mês, uma comissão especial mista formada por representantes de todos os órgãos envolvidos, técnicos e ambientalistas e estabeleceu prazo de 45 dias para que fossem apresentadas soluções.

De acordo com relatório técnico da Cetesb, a água não está contaminada, mas a contaminação por chumbo nos sedimentos ainda varia entre muito intensa na região do Alto Ribeira e moderada entre Registro e Iguape, o que poderá estar provocando contaminação dos peixes de fundo (que vivem próximos ao leito do rio).

Os técnicos que fizeram o relatório acreditam que a contaminação de peixes, constatada em 90/91, deve

persistir ainda hoje e fazem a seguinte ressalva no documento: “Com relação à contaminação atual dos peixes do Alto Ribeira pode-se supor que a situação deva persistir, tendo em vista os níveis de chumbo detectados no sedimento em julho de 1996.”

Na análise realizada em 1990/91, os peixes que apresentaram maior teor de chumbo foram cascudos e mandis, mas o mineral foi encontrado também em manjubas, lambaris, saguirus, carás e tainhas. Apesar de todas as espécies coletadas serem consumidas regularmente pela população ribeirinha, de acordo com o relatório, e apesar de o documento recomendar “restrições, em caráter preventivo ao consumo de mandis e cascudos entre os municípios de Ribeira e Eldorado e de qualquer espécie de peixe proveniente dos ribeirões Rocha e Betari”, a Cetesb não avisou a população.

“Antes de alarmar a população, é preciso avaliar os riscos, saber qual o teor de chumbo presente nos peixes — para ver se está acima do tolerável — e estudar o hábito alimentar da população”, afirma Pedro Pentead, coordenador da comissão recém-criada. Para isso, os técnicos aguardam os resultados da nova análise de peixes cujos dados serão cruzados com os de uma pesquisa de hábito alimentar da população local, que acaba de ser feita em conjunto com a Secretaria estadual da Saúde.

A parcela da população mais suscetível à contaminação por chumbo é a de mulheres grávidas e crianças — que absorvem o minério nos ossos como se fosse cálcio. No organismo humano, a maior parte do chumbo, absorvido por ingestão, se acumula nos ossos e tecidos moles e uma pequena parcela circula no sangue, afetando a produção de glóbulos vermelhos.

O relatório da Cetesb destaca ainda que a contaminação pode estar provocando redução da população de peixes no Alto Ribeira.



Alto Ribeira: consumo de peixes de rio pode ser perigoso para a saúde



Presença de chumbo foi constatada em 22% dos peixes analisados em 1990/91